

# **O cordel, o homossexual e o poeta “maudito”: novelo de discursos no folheto de Salete Maria e Fanka Santos**

Edson Soares Martins

## **O cordel de hoje no Cariri de agora**

O cordel tem sido alvo de múltiplas atenções, sob diversificadas orientações teórico-metodológicas. Talvez, no Cariri cearense, a vertente de estudos mais difundida seja a que se caracteriza, basicamente, pela coleta de folhetos. Ela extrapola a Academia, e, talvez por isso mesmo, alcança amplos meios de difusão de seus pretensos resultados.

Esta perspectiva de trabalho, levada a cabo por pesquisadores surgidos da assertiva proverbial que afirma ser o Cariri o maior celeiro cultural do Nordeste, berço da Santíssima Trindade Nordestina (Padre Cícero, Luiz Gonzaga e Patativa do Assaré), assemelha-se ao que Ortiz chama de perspectiva dos antiquários, mantendo suas principais debilidades: a) o caráter colecionador, o que conduza a uma coleta irregular – ou assistemática – dos dados, dificultando enormemente a sua classificação; b) a atitude negativa em relação à cultura do povo, embora o discurso de valorização do cordel disfarce a predisposição manifesta em reconhecer apenas os folhetistas à serviço do poder, aqueles cooptados ou os que se oferecem à cooptação. São médicos, advogados, professores, sacerdotes que, ocasionalmente, brindam a sociedade com cordéis, freqüentemente de encomenda ou de circunstância, que não circulam além do ambiente festivo em que são lançados.

Uma outra vertente persegue a coleta de depoimentos. No esforço de estudo temático, muitas vezes perde-se de vista o cordel como objeto limítrofe entre a cultura escrita e a longínqua tradição oral. Freqüentemente, ao tomar-se o cordel como fonte de impressões do povo, fixadas na intenção de retratar eventos históricos ou modos de efabulação popular, parece que a noção de povo surge como “grupo homogêneo com hábitos mentais similares no qual os indivíduos participam de uma cultura única que simboliza o esplendor do passado”, ainda conforme Ortiz, referindo-se à perspectiva inaugurada pelo romantismo; perspectiva cuja

coluna vertebral ainda permanece no meio intelectual remanescente dos ideais de renovação cultural da década de 50 do Cariri cearense.

### **Os cordelistas mauditos**

Estudar o cordel – em seus contextos de produção, apreciação e divulgação – implica desvendar um cotidiano de produção cultural no seio de segmentos sociais subalternizados pela cultura oficial ou erudita. No caso dos Cordelistas Mauditos, é necessário agregar a este imperativo metodológico um elemento a mais: seu caráter de movimento exige que o estudioso perceba a explicitação de pressupostos comuns aos diversos autores do grupo, conferindo-lhe uma conformação sistêmica bastante diferenciada daquela em que surgiu o folheto de cordel.

Também se problematiza a subalternidade social destes produtores culturais, por várias razões. São professores, advogados, estudantes... Exercem, assim, papéis sociais de prestígio no Cariri. Ademais, a produção de folhetos foi absorvida por setores da elite através do processo de cooptação a que já nos referimos. A existência da Academia de Cordelistas do Crato, por exemplo, comprova a transposição do folheto do campo das manifestações autônomas, individuais, para o plano da produção cultural que desfruta de prestígio entre os setores que detêm o poder político e econômico.

### **A história de Joca e Juarez**

Já na primeira estrofe de *A história de Joca e Juarez*, ao caracterizar a primeira personagem, as cordelistas situam as duas linhas de força sobre as quais a narrativa deslizará:

Juarez era um senhor  
 Devoto do meu padim  
 Trabalhava com ardor  
 Cultivando seu jardim  
 “um dia o cão atentô”  
 e Juarez se apaixonou  
 por Joca de Manezim!

Subjetivado de fora para dentro, o trabalhador. Proposital ou não, a atividade produtiva expressa no jardim do verso 4 retoma o mote do Candide

voltaireano que profetiza o advento do individualismo pequeno-burguês: a ideologia burguesa afirmará que o trabalho e seus frutos sobrepõem-se à consideração dos problemas da sociedade, limitando à esfera da satisfação das necessidades individuais os desafios da construção de um ser-sujeito no mundo. A satânica intervenção do "cão que atenta" desnuda, no coloquialismo diatópico e diastrático, as faces da intervenção de aparelhos privados de hegemonia, que legitimam a ordem pretensamente natural do amor. A subversão dessa lei natural é punida com o banimento da condição não apenas de membro da sociedade, mas também banimento da Humanidade, como vemos na estrofe seguinte deprender-se do que diz o sacerdote:

Isso se deu em meados,  
De mil novecentos e seis  
Naquele tempo veado  
Era bicho que deus fez  
"home não ama ôtro home  
senão vira Lobisomem"  
disse o padre, certa vez

O reforço da ordem natural (*veado/ era bicho que deus fez*) aparece legitimado pela datação expressa em v2 (que, mordazmente sugere que o preconceito pertence ao passado) e reiterada no banimento veiculado por *Lobisomem*. Note-se, aliás, que *Lobisomem* é grafado em maiúsculas, enquanto *deus* será sempre grafado, em todas as estrofes, com minúscula inicial. Contrapõe-se à voz social do impreciso aparelho privado de hegemonia<sup>1</sup> e ao seu poder de promover a subjetivação do indivíduo uma perturbação das linhas de força do discurso de legitimação da ordem extraída do primitivo direito natural. A contraposição se duplica internamente nas duas estrofes seguintes, simétricas na positivação da conduta social e na duplicidade temporal que inscreve o irônico presente desprovido de preconceito no tempo dos eventos relatados:

---

<sup>1</sup> O emprego dos conceitos gramscianos de aparelho privado de hegemonia e sociedade civil foram suscitados pela leitura de COUTINHO, Carlos Nelson. *Cultura e sociedade no Brasil*.

O tal Joca era um rapaz  
 Zabumbeiro de primeira  
 Era um tocador capaz  
 De agradar moça solteira  
 Mas ele também gamou  
 Por Juarez se apaixonou  
 Quando o viu na ribanceira

O Juarez, que moço bom!!  
 Honesto e temente a deus  
 Tinha mesmo aquele dom  
 De estar junto dos seus  
 Porém, Joca despertava  
 Algo que o incomodava  
 Mais profano que os ateus

É nesse contexto que *gamou*, *apaixonou* e *despertava*, pelo nível diastrático heterogêneo veiculam tanto a liberalidade do presente quanto a permanência de valores tradicionais, que conferem naturalidade ao que, no preconceito da voz social tradicional, não deveria ter. A intuição da “abominação” parece reforçar em Juarez, caracterizado sempre no campo da ordem e da contenção (masculino, por conseqüência), a religiosidade popular, geralmente regida pelo binômio recompensa-punição. Esta religiosidade se revela, então, como o aparelho privado de hegemonia que, até então, permanecera apenas vagamente delineado:

Orava dias a fio  
 Pedindo a deus proteção  
 Não chiava nem um pio  
 Sobre a sua condição  
 Sentia até arrepio  
 Um sentimento sombrio  
 Domava seu coração

Dizia: “deus me ilumine  
 Não sei o que há comigo  
 Creio que já imagine  
 Que amo o meu amigo  
 por favor me examine  
 Preciso que me vacine  
 Me livre deste castigo!”

A inserção de Juarez no universo punitivo da religiosidade permite que não nos surpreendamos com a auto-definição de seus sentimentos

em termos nosológicos. Aliás, ao pedir vacina para seu mal, Juarez é, sutil e comicamente, alinhado com o proverbial tipo do heterossexual militante que se declara, no anedotário brasileiro, como vacinado contra o mesmo sexo. Ainda, na lógica do catolicismo popular, busca auxílio na Igreja e na confissão, já que a medicina secular não pode vir em socorro do seu corpo-afetivo enfermo:

Foi um dia à sacristia  
 Querendo se confessar  
 Mas o pobre não sabia  
 Que o padre ia viajar  
 Falar com os fazendeiros  
 combinar com cangaceiros:  
 Franco Rabelo expulsar.

Salete Maria e Fanka Santos, a partir desta sétima estrofe, introduzem – ainda que para tratar rapidamente da questão – um ponto de contato com um dos temas mais férteis do folheto de cordel nordestino: a figura e os feitos de Padre Cícero Romão. A veia impiedosa dos mauditos põe a nu a incompatibilidade entre a missão sacerdotal de Romão Batista e sua incessante intervenção nos assuntos seculares, ressaltando-lhe propositalmente a pecha de agente conspiratório, capaz de alianças bem heterodoxas, sem deixar de referir-se à questão mais polêmica de seu ministério no Juazeiro, o milagre da/na Beata Maria Araújo:

Pra você vou lembrar:  
 Romão era conselheiro  
 Vivendo a orientar  
 Beatos e bandoleiros.  
 Apesar da seca forte  
 do milagre fez suporte  
 que atraía os romeiros.

A irreverência que encontra expressão formal, entre outros mecanismos, na introdução de gírias ou itens lexicais modernos em relação ao tempo do relato, é um das vértebras do humor de Salete e Fanka;

irreverência que subordina a si todos os outros elementos do folheto. Por isso mesmo, Juarez, que vivia um doloroso impasse em seu processo de subjetivação, dirigindo-se ao sacerdote sob a proteção do mecanismo da confissão, não se expressa nos níveis de formalidade que a situação requereria, além de apagar de seu discurso a irrupção do sofrimento. É o que vemos nas estrofes a seguir, em que Juarez e Romão Batista dialogam:

Disse ele: “Meu padim,  
O senhor tá avexado?  
Mas me dê cá um tempim  
P’eu lhe contar um babado  
Sabe Joca Manezim?  
Despertou algo em mim  
E por ele estou gamado.

“Isso é a tentação  
você precisa rezar  
peça logo a deus perdão  
tire moça pra casar  
veja Sodoma e Gomorra  
o castigo contra a zorra  
outra vez pode se dar”.

Padim Ciço extasiado  
Ficou teso, branco e mudo  
Olhou o seu afilhado  
Comentando o absurdo  
“meu filho esqueça disso  
largue logo desse viço  
saia já desse chafurdo!”

Ademais eu advirto  
E esclareço a você  
Em assunto desse tipo  
Nada posso lhe dizer  
É tema que não me meto  
E com o devido respeito  
Eu não me deixo meter.

Nesta estrofe, a décima segunda, aflora do discurso de Padre Cícero a dualidade da sua condição sacerdotal e temporal: o “Eu não me deixo meter” veicula a condição heterossexual do sacerdote, do qual se espera, no discurso da tradição, que, no mínimo, seja desprovido de liberdade para referir-se à sua própria vida sexual. A dessacralização da figura de Romão Batista exemplifica a postura iconoclasta dos cordelistas malditos, em cujo manifesto, aliás, já haviam afirmado: “Somos guerreiros do presente. A poesia escreverá enfim outra história. Salve Patativa do Assaré e Oswald de Andrade!”. Nas estrofes seguintes, vemos como a construção do individualismo burguês, gestada desde o Iluminismo, permanece sendo um mecanismo ego-identitário imposto por aparelhos privados de hegemonia:

<p>“Reverendo acredite meu amor é tão sincero pela deusa Afrodite Joca é tudo que mais quero Tenho padecido tanto Por viver esse encanto Pelo homem que paquero”.</p>	<p>O vigário apressado Disse: “estou de saída Nesse papo endiabrado Não encontrarás guarida Vá plantar o seu roçado Deixe esta história de lado Que já estou de partida”.</p>
---	---

O reverendo faz ecoarem, no Juazeiro do Norte de 1906, as palavras de Candide (É preciso cultivar nosso jardim.), revelando a origem possível da imagem de Juarez apresentada na primeira estrofe do cordel (Cultivando seu jardim). O amor homossexual, atribuído diretamente à influência do demônio, seria uma referência cruzada àquele “cão que atentou” também na primeira estrofe? Seja qual for a resposta, é importante observar como a legitimação de valores se dá em duas esferas: no plano religioso, o homossexual será tido por objeto da ação demoníaca, enquanto no plano sócio-histórico, o trabalho é a estratégia purgativa que reinsere o homossexual na malha das relações sociais, absorvendo-lhe o tempo e a energia que, de outro modo, fluiriam para a perversão.

Fracassada a tentativa de Juarez, tanto no âmbito religioso quanto no secular, a condição impassada de sua subjetivação esbarra na impossibilidade de entrever uma estratégia de assunção de sua modalidade específica de ser sujeito. A superação dos mecanismos proibicionistas<sup>2</sup> não se pode dar contrapondo uma lógica de legitimação discursiva, uma vez que falta, naquela altura do relato, uma ação coletivamente articulada, que manifeste, mesmo que embrionariamente, um projeto político global que possa ser materializado na sociedade civil, em que o proibicionismo é hegemônico. É a partir deste impasse que o relato se encaminha para uma resolução que passe pela ação coletiva: surge uma nova personagem chamada Meretriz:

---

<sup>2</sup> Quanto ao proibicionismo, ver SULLIVAN, Andrew. *Praticamente normal*.

Juarez desapontado  
 Dirigiu-se à Matriz  
 Avistou Joca sentado  
 Ao lado de Meretriz  
 Uma amiga rapariga  
 Que amava outra amiga  
 Que no circo era atriz.

Meretriz é a potencialização radical do sujeito contra o qual se volta o proibicionismo: é mulher, prostituta, lésbica e ama uma artista circense. É demais para 1906; talvez, mesmo para 2006, a depender do espaço social em que se insira um tal modelo de subjetivação. Ela testemunha a decepção de Juarez, que, ingenuamente, julgara encontrar acolhida no *Padim*:

Disse ele: “Caro Joca	Padim Ciço condenou
Venho do confessionário	Esse “amor entre iguais”
Procurei sair da toca	Ele me aconselhou
Contei tudo ao vigário	A trabalhar muito mais
Sobre a nossa condição	Esquecer tal relação
Nosso amor, nossa paixão	Procurar outra união
É triste nosso calvário	Pois esta não me apraz

Meretriz começa a desenhar, em seu discurso, fragmentos do que seria o projeto político global a que nos referimos anteriormente. Encontrará as contradições internas dos argumentos proibicionistas e, mesmo rudimentarmente, contrapõe-lhe um equivalente: o discurso científico e seu aparelho privado de hegemonia, a Universidade:

Meretriz falou e disse,	“O padre tá atrasado
Se metendo na questão:	na sua concepção
“tudo isso é tolice	para casos de viado
esse padre é um machão	tem atualização
pois ordena a Escritura	que tal fazer mestrado
para cada criatura	homossexualizado
amar semelhante irmão”	com o São Sebastião?”

Algumas estrofes adiante, após a acolhida da condição homossexual como estilo de subjetivação<sup>3</sup>, o amor de ambos é inserido na esfera de legitimação pelo contato com o divino, verdadeira “metamorfose”:

Naquela apoteose	O amor é um grande laço
Tudo, então, se revelou	O amor é armadilha
Fez-se a metamorfose	O amor não tem compasso
Deste proibido amor	O amor não segue trilha
Do casulo à borboleta	O amor não se condena.
Emanou de uma trombeta	Todo amor vale a pena
Um som que glorificou	Salve quem ama e brilha!

Estabelecido o confronto entre dois projetos políticos para os homossexuais (um de repressão, outro de assunção), ambos reclamando para si a legitimação dentro da sociedade civil, na qual, por sua vez, ocupam posição hegemônica o projeto e o discurso religioso (legitimadores da dominação de classe, naquela especificidade histórico-política). O padim é chamado a posicionar-se e, desta vez, não pode apenas “não se meter” no “chafurdo”:

O povo de Juazeiro	Acendido o preconceito
Comentava, maldizendo	Foi difícil apagar
Foi, então, cada romeiro	Apesar do seu conceito
Procurar o reverendo	Nunca quis discriminar
Para que interviesse	Chamou a população
E fizesse uma prece	Para ouvir o seu sermão
Pr’o que ‘tava acontecendo.	O que tinha a comentar.

Meretriz assume a posição de negociadora junto a Floro Bartolomeu, parceiro político de Romão Batista, reivindicando os ideais burgueses de igualdade e a autoridade de Tom Zé. Importante salientar que, para a elite cariense de 1906 (ou de 2003), a cultura não cumpre um papel de legitimação, pois o poder político e o mecanismo da dominação não foram

---

<sup>3</sup> Ver BIRMAN, Joel.

ainda ameaçados. Mas, para Meretriz, a cultura (Tom Zé!) já passa a ter um papel eminentemente político como ente social vivo e capaz de legitimar os demais processos sociais, tanto quanto a Igreja ou a Universidade:

“Floro, ouça este pedido que tenho a lhe fazer o Joca está fudido Juarez pensa em morrer Suba lá e diga ao padre Que faça sua vontade Deixe o amor acontecer...	Além disso é dever Dos que proclamam a fé Nenhum ser desmerecer Seja homem ou mulher O amor é unissex Dura lex, sede lex Mais tarde dirá Tom Zé.
---	--

Diante da negativa de Floro, que pretexta medo, Meretriz apela para a chantagem, em uma sugestão velada de que a parceria entre Floro e o Padre Cícero teria se estendido para além do leito político:

Pressionado e sem saída Subiu Floro no altar Com sua saia comprida O padre veio de lá a multidão moralista Falsa como uma ametista Ansiosa a esperar	Floro foi ao reverendo Cochichou ao seu ouvido O padre enrubescendo Disse: “atendo ao pedido” E a missa começou Mas o padre não falou Sobre o tema pretendido.
--	--

As três últimas estrofes do cordel mostram-nos os oprimidos no gozo de uma vitória sobre os projetos hegemônicos de regulação da vida íntima. Problemático ou simbólico ou evidente, contudo, é que esta vitória se dá através do silêncio tolerante do poder:

Falava ele de tudo  
Menos sobre o coito gay  
Juarez assistia mudo  
Joca parecia um rei  
Sentiam-se justificados  
Com Floro e o padre acuados  
Meretriz fazia a lei

Após o “ide em paz”  
 O povo se recolheu  
 Ao cabaré de Lilás  
 Foi Floro Bartolomeu  
 Meretriz com seu cartaz  
 Joca, Juarez e um rapaz  
 Enfim, o amor se deu

Para a época em questão  
 O ocorrido era novo  
 Foi alvo de agitação  
 Entre pessoas do povo  
 Mas Floro Bartolomeu  
 Com o poder que recebeu  
 Tornou comum como um ovo.

Salete Maria e Fanka Santos parecem referir-se claramente à passagem da política proibicionista à conservadora, tendo o cuidado de definir conservador, na proposta de Sullivan, como modalidade de liberal:

alguém que compartilha, essencialmente, das premissas do Estado liberal, com suas garantias à liberdade, ao pluralismo, à liberdade de expressão e de ação, mas que crê, também, que a política é uma arena onde é necessário afirmar certos valores culturais, sociais e morais sobre os outros. [...] Esses conservadores querem atingir um equilíbrio – às vezes extremamente precário – entre permitir aos indivíduos uma liberdade considerável de ação moral e proteger o tecido da sociedade, que é precisamente o que possibilita tais liberdades.

O silêncio e a discrição constituem a coluna vertebral da política conservadora para os homossexuais, não sendo de se estranhar que seja esta a estratégia adotada pelo *Padim* no folheto dos mauditos.

Mais do que um cordel de protesto, compreendemos que a proposta da Sociedade dos Cordelistas Mauditos é um projeto estético e político de busca de uma expressão que se estende, paradoxalmente, entre as coordenadas do presente e as abscissas da tradição. Revive, de certo modo, outros projetos rebeldes de que já foi palco e cenário o Cariri cearense.

A novidade dos mauditos é o frescor com que fundem, nas suas melhores produções, os projetos em disputa na região. Desconhecer o cordel dos mauditos é negar-lhes o direito de pesquisa estética, mas, mais do que isso, é apostar na permanência de um cultura apenas decorativa, uma cultura de ilustração dispensadora de *status*.

### **Bibliografia**

- BIRMAN, Joel. *Cartografias do feminino*. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Estilo e modernidade em psicanálise*. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Por uma estilística da existência*. São Paulo: Ed. 34, 1996.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Lutar com a palavra: escritos sobre o trabalho do educador*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- COUTINHO, Carlos Nelson. *Cultura e sociedade no Brasil: ensaios sobre idéias e formas*. 2ª ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- GRAMSCI, Antonio. *Literatura e vida nacional*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- MARIA, Salete, SANTOS, Fanka. *A história de Joca e Juarez*. Xilogravura de Regilene Stéfanni. Juazeiro do Norte: Sociedade dos Cordelistas Mauditos, 2001.
- ORTIZ, Renato. *Cultura popular: românticos e folcloristas*. São Paulo: PUC/ Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, 1985.
- SULLIVAN, Andrew. *Praticamente normal: uma discussão sobre homossexualismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- TERRA, Ruth Brito Lêmos. *Memória de lutas: literatura de folhetos do Nordeste (1893-1930)*. São Paulo: Global, 1983.